

Vivendo e aprendendo: narrativas sobre como me tornei educadora

Mohana Ellen Brito Morais Cavalcante –
Mestranda na Pós-Graduação de Sociologia/UFPB
Aluna de Lic. Ciências Sociais/UFPB

Este trabalho faz parte da composição metodológica desenvolvida na disciplina Educação e Sociedade no Brasil ministrada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFPB. O objetivo proposto neste trabalho é relatar as influências dos espaços de formação e da trajetória de vida para a formação profissional da autora, em especial como educadora. A disciplina Educação e Sociedade no Brasil propôs que os alunos refletissem sobre suas trajetórias familiares e de formação escolar, com o objetivo de traçar um perfil dos/as alunos/as que buscam a formação em Lic. Ciências Sociais, que se volta ao ensino de sociologia no ensino médio, buscando fomentar análises e debates a partir das histórias de vida dos sujeitos em formação. Ao fazer um resgate sobre minha história pude refletir sobre algumas escolhas, meus incentivadores, as barreiras que consegui superar e a importante fase de juventude. Através desse exercício foi possível analisar fatores que me impulsionaram na busca da formação superior e dos percalços enfrentados durante a graduação e após a conclusão dela. Nesta escrita sobre a memória formativa, descrevo a minha história familiar, contextualizar os períodos vividos na trajetória de vida particular, familiar e social com o firme propósito de colaborar no debate sobre sociedade e educação no Brasil, tendo em vista a formação dos sujeitos como profissionais no ensino de sociologia no ensino médio. Este trabalho trata-se de um relato de experiência, unido a uma pesquisa teórica sobre a história da educação no Brasil e o contexto do surgimento da sociologia no ensino médio, tendo como aporte teórico autores como Maria Glória Gohn, Barbara Freitag e José Willington Germano.

Palavras-chave: trajetória, juventude, ensino, formação.

Ao falar sobre minha trajetória acadêmica acho necessário, primeiro, me debruçar por minha trajetória de vida. Acredito que a trajetória é uma parte fundamental para entender a formação do indivíduo, segundo Bourdieu (1996, p.22) “Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, na qual se exprimem as disposições do habitus e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”.

Ao nascer recebi o nome de Mohana Ellen Brito Rodrigues de Moraes, hoje como consequência dos caminhos percorridos- perdi o Rodrigues e adotei o nome Cavalcante. Nasci em 27/04/1992, na cidade de João Pessoa, embora só tenha feito dela residência anos depois. Logo após meu nascimento fui morar com meus pais na cidade de Santa Rita/PB, onde vivi até meus 7 anos. Desde então venho numa vida de morada cigana, passando por cidades e estados diferentes, tendo hoje morado nas cidades do Rio de Janeiro, Mari-PB, João Pessoa-PB, Recife-PE, Olinda-PE, por fim tendo passado maior parte do tempo entre João Pessoa e Mari.

Convivi assiduamente com meus familiares, tios, primos, agregados e tive o prazer de conhecer e conviver os todos os meus avós de sangue e uns de consideração. Foi no ambiente familiar que tive meus primeiros ensinamentos, ali também, recebi os maiores incentivos quanto à formação escolar. Para Bourdieu (2002, p. 52) “o conjunto de características da carreira escolar, as seções ou os estabelecimentos, são indícios da influência direta do meio familiar...”

Meus avós paternos e maternos não estudaram além do ensino fundamental, minha avó materna, Dona Joana, mulher de personalidade forte e vida humilde, sempre fez questão que meus tios e minha mãe estudassem apesar das dificuldades financeiras, dificuldades que obrigaram todos a trabalhar no roçado plantando fumo, embora tivessem que conseguir administrar o trabalho com a educação escolar. Era desse trabalho no roçado que vinha o dinheiro para que eles pagassem a própria escola, visto que, meu avô por ser contra a escolarização dos filhos não contribuía financeiramente para seus estudos.

Contrariando a tendência latente ao abandono escolar, Dona Joana conseguiu formar cinco dos seus oito filhos, quatro deles optaram pelo magistério, entre eles minha mãe. Maria da Guia, minha mãe, sempre gostou de estudar e estudou muito, hoje fala orgulhosa da sua trajetória de formação: um curso técnico de contabilidade, magistério, uma graduação em pedagogia, uma graduação em lic. Matemática e uma

especialização em gestão escolar. Muitos desses certificados adquiridos enquanto dividia-se entre o trabalho e a criação de duas filhas pequenas.

Meu pai, pelo contrário, não fez curso superior, trabalhou por anos em empresas privadas até conseguir ingressar no funcionalismo público, onde trabalha até hoje. Quando eu tinha quase dez anos meus pais se separaram. Diante disso, minha mãe resolveu retornar a casa de minha avó, na cidade de Mari, agreste Paraibano. Da casa de vovó sai apenas anos mais tarde para cursar o bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba.

Nos primeiros meses foi muito difícil, minha mãe levou um tempo para conseguir emprego, depois ela passou no concurso público no município de Mari e começou a lecionar para as séries iniciais, pois possuía o magistério. Mesmo assim continuou os estudos, dedicou-se e formou-se em pedagogia e matemática. Dentre os exemplos de dedicação e amor a escola e ao ofício de ensinar, destaco minha mãe. Ela sempre estimulou, com palavras e exemplos, frequentemente cobrou nosso bom desempenho escolar. Incontáveis vezes a vi virar a noite debruçada nos livros, sempre acompanhada de uma xícara de café e um banquinho a apoiar as pernas.

Minhas lembranças mais fortes da escola estão relacionadas a uma professora que tive no primeiro ano do ensino fundamental e, os anos que frequentei a escola estadual "Dragão", na cidade de Mari. Lembro-me bem da professora Ana Paula, muito dedicada, sempre ensinando de forma divertida e criativa, ela me fez ver a escola de uma forma diferente, me cativou ao ponto de ver a escola muito além de uma obrigação. Ela foi uma das minhas primeiras inspirações para tornar-me professora, com ela vi que poderia ser uma profissão divertida.

No Dragão tive experiências novas, era uma escola sem muito recurso, mas organizada, participei de feiras de ciências, feiras de literatura, da Olimpíada brasileira de matemática, fui membro do grêmio estudantil- minha primeira experiência nos movimentos juvenis- que acabou logo devido ao fato de batermos de frente com a direção da escola e discordâncias internas, nessa escola joguei handebol por dois anos, estudei e me diverti muito, me senti parte da instituição. O dragão foi um grande espaço de socialização, foi onde me envolvi com muitas atividades extracurriculares e fiz amizades que perduram até os dias atuais. Frequentei essa escola por dois anos, até a conclusão do ensino fundamental.

Na cidade de Mari, onde morei durante toda a adolescência, tinha apenas uma escola a nível médio. A escola estadual não era classificada como boa, muitos

professores atuavam em áreas diferentes de sua formação, faltavam muitas aulas e, a estrutura não era das melhores. Assim, na minha época, quem quisesse uma educação um pouco melhor, a solução era estudar em outra cidade. Minha mãe visitou escolas públicas em Sapé e em Guarabira, possíveis lugares onde poderia nos matricular. Ela, como professora da rede pública, tinha consciência da precarização das escolas públicas, da falta de recursos e da ausência de professores preparados, logo concluiu que a única diferença entre elas e a de Mari era apenas o endereço. Então ela resolveu sair pechinchando descontos nas escolas particulares até encontrar uma boa que coubesse no seu bolso.

Com isso, fui parar no Executivo Colégio e Curso, no ano seguinte quando minha irmã terminou o ensino fundamental, migrou para a mesma escola. Foi um choque de realidade, principalmente, no nível de aprendizagem. Em Mari sempre fui uma excelente aluna, uma das melhores da sala, já no Executivo tive dificuldades de acompanhar o ritmo... tive muita vergonha de fazer pergunta aos professores- era 14 professores!-, acordava às 5 horas da manhã pra ir pra escola, um conteúdo bem mais avançado. Foi difícil, muito difícil, como resultado, no primeiro ano, fui para a final em cinco matérias, chorei tanto... mas consegui a aprovação. Os problemas para acompanhar a turma foram constantes durante todo ensino médio, principalmente nas disciplinas de física e química.

Nesse período estudei gramática, redação, literatura, uma infinidade de disciplinas, mas nunca cheguei fazer aulas da disciplina/curso que futuramente escolheria para estudar e chegaria a me formar, a sociologia. A disciplina ainda não era obrigatória, mas acredito que eu poderia ter visto ao menos uns princípios básicos, como temas transversais em outras aulas. Gohn (1992) aponta as demandas da sociedade civil brasileira nos anos 80, demandas educacionais e demandas por educação escolar, hoje no século XXI já atendemos algumas delas, porém muitas continuam sendo deixadas de lado. Acredito que assuntos da esfera pública são importantes para serem discutidos desde o ensino fundamental. Minha experiência não incluiu essas discussões, não tive aulas que abordassem assuntos como educação para o trânsito, educação sexual e educação sanitária. Durante minha formação e analisando alguns livros de sociologia, notei que assuntos com esses vieses continuam com pouca ou nenhuma abordagem, o que me preocupa.

O ensino médio não foi um período fácil, as dificuldades em acompanhar o ritmo de ensino me deixavam angustiada e, nesse período, tornar-me professora si quer

passava por minha cabeça. Aliás, ser professora era tudo que eu não queria ser. Em casa minha mãe e meus tios falavam diariamente das dificuldades estruturais, salariais e de segurança que estavam enfrentando nas salas de aula. Apesar do amor a profissão, a cada ano que passava os relatos de frustração só aumentavam e eu, ouvindo e acompanhando essas situações, vislumbrava um caminho profissional distante das salas de aula.

A falta de valorização profissional e de estrutura para desempenhar um bom trabalho, me fez caminhar para a escolha do curso superior, excluindo completamente os cursos de licenciatura.

Ao começar a pensar em vestibular sai eliminando os cursos que tinha certeza que não gostaria de fazer, embora, entenda hoje, que aos 16 anos eu não estava pronta para tomar uma decisão tão importante. Minha primeira opção foi cursar Ciências Contábeis, abandonei essa ideia após achar que já tinham muitos profissionais da área. Considerei também o curso de Engenharia de Alimentos, logo cheguei à conclusão que era péssima em física, e isso me atrapalharia demais durante um curso de exatas, então abandonei essa ideia. Os cursos de saúde não me interessavam, principalmente pelo desconforto com sangue. Então sobrou a área de humanas.

Ao pesquisar os cursos na área de humanas, comecei a eliminar os cursos que pessoas da minha família tinham estudado afinal, todos tinham feito licenciaturas. Durante a pesquisa cheguei ao Bacharelado em Ciências Sociais, fui ler sobre, achei bacana, diferente, instigante e, concluí que ele seria o curso escolhido. Contudo, não foi fácil explicar a família a minha decisão, aos colegas e professores da escola, todos receberam a notícia com estranheza, ouvi muito que não conseguiria emprego (ainda escuto).

Mantive a escolha e comecei a cursar ciências sociais aos 17 anos. Se a mudança do ensino fundamental para o ensino médio foi significativa, a entrada na universidade representou uma mudança drástica! O fato é que estava acostumada a um sistema de ensino que me conduzia, me direcionava o tempo todo, e a universidade não eram assim. Eu estava acostumada com provas ao estilo de gabaritos, livros com exercícios para casa, correção de cada linha das atividades diárias e, de repente, cai numa realidade completamente diferente.

As diferenças não se limitavam apenas a forma de ensinar, também achei estranhíssimo não terem feito, no início das aulas, uma apresentação do curso, apresentando as possibilidades, campo de trabalho, relevância acadêmica, enfim,

apresentar os alunos ao que até então, era novo. Demorou até eu entender que eu teria que traçar meus próprios horários, me autopolicar e correr atrás das coisas, passado essa fase tudo melhorou.

Ao chegar à universidade vi a possibilidade de discutir assuntos do meu interesse. Os clássicos da sociologia me encantaram, Durkheim, Weber, Karl Marx, através dessas leituras via muitas questões que estamos discutindo ainda, relativizando e pesquisando. Apesar de ter me identificado mais com as áreas de sociologia e antropologia, não desconsidero as discussões valiosas da ciência política. Refletindo sobre as disciplinas e os assuntos, acredito que não consigo eleger uma disciplina predileta, todas foram importantíssimos para minha formação.

Foi na universidade que tive minhas primeiras experiências como educadora, através de projetos e monitoria. Pude ter uma longa experiência no programa de extensão Pamin (Patrimônio, Memória e interatividade), o qual foi de fundamental importância para meu verdadeiro ingresso na carreira acadêmica. No Pamin passei a ler coisas diferentes, li sobre antropologia urbana, cibercultura, sociedades em rede, textos que me instigavam e iam além das discussões obrigatórias do curso. Devo dizer que as experiências nos projetos foram fundamentais não só para a escolha profissional, como para a permanência na universidade, aliás, foi por causa deles também que continuo a estudar.

A vontade de ingressar na licenciatura e tornar-me educadora, surgiu a partir do quarto período do bacharelado. Nesse período comecei a fazer planos para cursar a licenciatura, posto que a licenciatura era algo exigido em concursos públicos, nesse período também comecei a pensar em fazer um mestrado. Concluí o bacharelado em fevereiro de 2015 e em março de 2015 ingressei na licenciatura em Ciências Sociais.

No mesmo ano passei na seleção do mestrado em sociologia na Universidade Federal da Paraíba. Hoje concilio as aulas da licenciatura com as aulas do mestrado. Devo dizer que é um pouco cansativo, mas tenho conseguido conciliar os dois cursos- licenciatura e mestrado- e, não pretendo parar por aqui, sigo na certeza que a vida nos ensina constantemente e sempre tem algo novo a se aprender.

Retomando essas histórias percebo que o vivido nos leva a caminhos improváveis, um tanto inesperados e surpreendentes. Ignorando as lembranças nostálgicas e saudosas, considero que até os erros, são ensinamentos preciosos.

Os exemplos de minha mãe, dos meus tios, de alguns professores, foram construindo em mim uma ideia, até então inconsciente, que o magistério não era de todo

ruim. Cresci vendo que apesar das dificuldades, havia dias felizes na vida daqueles professores. Vi minha mãe, muitas vezes, radiante ao encontrar um aluno que progrediu nos estudos, que já estava formado ou trabalhando. Construir esse trabalho me fez analisar minha história de vida e me lembrar do passado e, algumas vezes, repensar escolhas que fiz. Não poderia negar que, muitas vezes, me pequei julgando minhas ações. Arrependi-me de algumas, sem dúvidas, mas ter ingressado nos caminhos do magistério não foi um delas, pois me encontrei na sala de aula, me encontrei ao tentar repassar um pouco do meu conhecimento aos meus alunos, me vi feliz ao vê-los aprendendo alguma coisa.

Elaborar esse trabalho me exigiu reavaliar as minhas ações e história de vida. Fiz o exercício de olhar para trás e, nesse momento, percebi que as minhas vivências corroboraram para me tornar o que eu sou hoje. Ter estudado em escolas públicas e particulares me proporcionou conhecer as discrepâncias entre as duas realidades, me fez perceber que cada uma, em sua particularidade, tem seu valor. Morar em cidades diferentes me fez conhecer pessoas únicas e, com cada uma, aprendi muito. Sair da casa de minha mãe aos 17 anos foi uma grande experiência, nesse momento aprendi com a vida, que me cobrou uma responsabilidade que nunca tive.

Reconheço a importância das oportunidades que tive durante minha vida, principalmente, a oportunidade de estudar. Poder estudar me possibilitou conhecer o mundo através dos livros, sonhar em soluções para um mundo melhor e entender, que a mudança só é possível através da educação. Foi então que me tornei educadora, me tornei quando percebi que a educação é a chave para a mudança, que transmitir o que se sabe é uma dádiva.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. 4 ed. Petrópolis., RJ: Vozes, 2002. (Org. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio)

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP. Papiurus, 1996.

_____. **Esboço de uma teoria a prática**. In: ORTIZ, R. (Org.). Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **“A juventude é apenas uma palavra”**, entrevista a Anne-Marie Métaillé, e originalmente publicada em **Les Jeunes et le Premier Emploi**. Paris:

Association des Ages, 1978. Edição em português em : P. Bourdieu. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, pp. 112-121.

CHAUI, Marilena. A ideologia da competência; organizador André Rocha,- Editora Autêntica: São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, 3)

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo, Editora Moraes.

GERMANO, José Willington. Lendo e aprendendo: "a campanha de pé no chão"- São Paulo, Autores Associados: Cortez, 1989.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Movimentos sociais e educação- São Paulo: Cortez, 1992.- (Questões da nossa época; v.5)

PAIVA, Vanilda. Educação Popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira. São Paulo: Loyola, 1973. P. 203-255.